



FACULDADES INTEGRADAS DE TAGUAÍ

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

LETICIA GABRIELE RODRIGUES DE SOUZA

AS CONSEQUÊNCIAS DO *BULLYING* NO AMBIENTE ESCOLAR

TAGUAÍ-SP

2022



LETICIA GABRIELE RODRIGUES DE SOUZA

AS CONSEQUÊNCIAS DO *BULLYING* NO AMBIENTE ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para o curso
de Graduação em Pedagogia das
Faculdades Integradas de Taguaí, sob a
orientação da professora especialista
Virginia Luiza Meneghel Calderoni.

TAGUAÍ – SP

2022



LETICIA GABRIELE RODRIGUES DE SOUZA

AS CONSEQUÊNCIAS DO *BULLYING* NO AMBIENTE ESCOLAR

APROVADA EM: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

PROFESSORA ORIENTADORA ESP. VIRGINIA LUIZA MENEGHEL CALDERONI

PROFESSOR MESTRE EMERSON CARLOS DE ALMEIDA

PROFESSOR MESTRE JOSÉ DIENISON CHECHI

Primeiramente venho agradecer a DEUS, sempre vindo ao meu socorro, acalentando-me.

A todos os meus famílias que souberem entender minhas ausências e sempre me incentivaram na caminhada pessoal e acadêmica.

Agradeço ao corpo docente do colegiado do curso de Pedagogia das FIT e, por fim, aos amigos que a FIT pode presenciar durante esta jornada. Muito Obrigada de coração!

RESUMO

O objetivo deste artigo científico é analisar o impacto do *Bullying* para os alunos, entendendo suas definições e consequências, as correlações no ambiente escolar e seus riscos no desenvolvimento do indivíduo no ambiente escolar. O *Bullying* escolar é abordado com cada vez mais frequência na mídia e diversos estudos têm sido desenvolvidos na tentativa de melhor compreendê-lo bem como se refletir acerca de meios para combatê-lo. Ele ocorre por meio de agressões contínuas e intencionais entre alunos que se encontram em situação de desigual de poder físico, social ou psicológico. Este estudo se justifica pelas instituições escolares e os educadores não estarem adequadamente preparados para lidar com o *Bullying*. Neste sentido, a escolha desta temática e investigação teve aspecto e caráter bibliográfico relevante. Ou seja, o presente estudo pode ser considerado de natureza básica, com abordagem qualitativa, com objetivo de pesquisa descritivo e explicativo, e os procedimentos usados para alcançar as informações necessárias foi a pesquisa bibliográfica. O *Bullying* nas escolas é um problema generalizado em todo o mundo, e nenhuma comunidade está imune a esse problema, apesar das iniciativas *antiBullying* implementadas em quase todos os lugares. A condução desse artigo buscou responder: A ocorrência do *Bullying* na ambiência da instituição escolar pode gerar graves consequências para os envolvidos, principalmente às vítimas, enquanto alunos? Diante dos apontamentos a resposta é Sim. Essa pesquisa teórica pode fornecer evidências mais precisas sobre a natureza do *Bullying*, os fatores que motivam a realização de tal prática, as características de um agressor e da vítima, bem como as consequências físicas, sociais, mentais e acadêmicas a quem é acometido. Tendo a unidade escolar papel primoroso de combate consciente sobre o *Bullying* no ambiente escolar.

Palavras-chave: *Bullying*. Consequências. Ambiente escolar. Riscos no Desenvolvimento do Indivíduo. Envolvidos. Combate Consciente.

“Talvez a grande dificuldade atual da humanidade esteja em entender que, ser humano é entender que a diversidade leva à unidade, que a unidade leva à solidariedade, que a solidariedade leva à igualdade, que a igualdade leva à liberdade, que a liberdade leva à diversidade” (BOURDOUKAN apud BRASÍLIA, 2007, p. 26-27).

1 – INTRODUÇÃO

O *Bullying* e a vitimização no ambiente escolar têm sido uma grande preocupação nos últimos anos para alunos, pais, professores e autoridades estaduais. O *Bullying* escolar é abordado com cada vez mais frequência na mídia e diversos estudos têm sido desenvolvidos na tentativa de melhor compreendê-lo. Ocorre por meio de agressões contínuas e intencionais entre alunos que se encontram em situação de desigual poder físico, social ou psicológico (MALTA *et al*, 2019).

O *Bullying* pode se manifestar de forma direta, em situações de agressão física ou verbal, bem como indiretamente, quando há disseminação de informações que caluniam colegas, denigrem sua imagem ou causam sua exclusão do grupo de pares. Via de regra, os envolvidos são identificados como vítimas, agressores, vítimas-agressores e testemunhas (CROCHICK, 2019).

A Organização Mundial da Saúde – OMS – considera o *Bullying* um problema generalizado em todo o mundo. No Brasil, especificamente, a prevalência nas escolas é de aproximadamente 28,5%, o que o torna considerado um problema de saúde pública, também pelas consequências negativas que causa à saúde, qualidade de vida, desenvolvimento psicossocial e às trajetórias educacionais de crianças e adolescentes (XU *et al*, 2020).

Em síntese, estão associados a ela: depressão, ansiedade, insônia, solidão, indisciplina escolar, abandono escolar, uso de álcool e outras drogas, comportamentos ofensivos, automutilação e suicídio (CHAVÉS; SOUZA, 2018).

De modo geral, identifica-se que na realidade brasileira, as pesquisas sobre *Bullying* são majoritariamente baseadas em autorrelatos dos alunos e focam na identificação de sua ocorrência e na caracterização dos participantes. No entanto, há lacunas a serem preenchidas para melhor compreender esse fenômeno utilizando como fonte de dados outros atores sociais, como os educadores, que tenham a possibilidade de prevenir e intervir intencionalmente nas agressões ocorridas no contexto escolar. Trata-se, portanto, de um tema relevante, pois há indícios na literatura de que, em geral, as instituições escolares e os educadores não estão adequadamente preparados para lidar com o *Bullying*.

Em relação aos educadores, o nível de conhecimento e compreensão sobre o *Bullying* orientam a forma como identificam e respondem às situações que ocorrem na escola. Por exemplo, a compreensão de que o *Bullying* não é prejudicial e representa brincadeiras típicas da idade contribui para que a necessidade de intervenção seja vista como dispensável. Por outro lado, conceber que se trata de condutas excessivamente graves, incentiva a aplicação de métodos punitivos que podem agravar ainda mais o problema, ao invés de resolvê-lo (MULVEY *et al*, 2018).

Portanto, a ausência de conhecimento específico sobre o *Bullying* que permita identificar suas principais causas, características, sujeitos envolvidos, entre outros aspectos, compromete a forma como é interpretado pela equipe escolar, que pode identificá-lo como trivial e inofensivo, ou então incentivar intervenções inadequadas, pois não é possível (IDSOE *et al*, 2021).

Como mencionado, o professor tem um papel essencial no enfrentamento desse tipo de violência, por isso é preciso compreender como ele percebe as diferentes formas de sua manifestação na escola. Ao mesmo tempo, reconhece-se que os educadores ainda carecem de informações relacionadas especificamente ao *Bullying*, por se tratar de um tipo de violência escolar (IDSOE *et al*, 2021).

Assim, o objetivo geral é analisar o impacto do *Bullying* para os alunos, entendendo suas definições e consequências, as correlações no ambiente escolar e seus riscos no desenvolvimento do indivíduo no ambiente escolar.

De modo específico, objetiva-se: refletir sobre o *Bullying* escolar, concebido como um problema de Saúde, revelando suas consequências além de como tal prática pode prejudicar o desenvolvimento do alunado; apresentar o *Bullying* no ambiente escolar, caracterizando suas vítimas e a forma de elas percebem desse processo; e, por fim, fornecer possíveis intervenções a fim de reduzir, prevenir e combater o *Bullying* no ambiente escolar.

Este artigo científico apresentou caráter bibliográfico a fim de colaborar em cumprir seu objetivo, ou seja, analisar e aprofundar-se acerca do impacto do *Bullying* para os alunos, entendendo suas definições e consequências, as correlações no ambiente escolar e seus riscos no desenvolvimento do indivíduo no ambiente escolar.

Para Andrade (2002, p. 44), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida baseando-se em um material já elaborado”, como, por exemplo, tanto de revistas,

livros, jornais, CDs, *sites*, etc., que permite uma investigação muito mais vasta, composta principalmente de artigos científicos, de livros ou recorrendo à obras literárias, além de levantamento de dados na Biblioteca Eletrônica Científica Online – SCIELO – e Google Acadêmico.

Neste sentido, o presente estudo acadêmico pode ser considerado de natureza básica, com abordagem qualitativa, com objetivo de pesquisa descritivo e explicativo, e os procedimentos usados para alcançar as informações necessárias foi a pesquisa bibliográfica em torno da temática do *Bullying*.

Para tanto, os dados e informações foram analisados através das obras e materiais desenvolvidos por outros autores, denominada como coleta bibliográfica, feita por meio da análise e descrição sobre os conhecimentos teóricos-empíricos que irão nortear o trabalho desenvolvido, que serão obtidos através de fontes em publicações periódicas nas bases de dados utilizada para fornecer tal material, com período de publicação dos últimos 20 anos, assim como outros que se mostraram relevantes com ano de publicação mais antigo.

Por meio dessa pesquisa que teve caráter bibliográfico, foi possível buscar respostas ao seguinte questionamento: A ocorrência do *Bullying* na ambiência da instituição escolar pode gerar graves consequências para os envolvidos, principalmente às vítimas, enquanto alunos?

A hipótese é que sim e a tentativa de responder a esta problemática se fez necessária para a discussão deste artigo científico.

2 – O *BULLYING* ESCOLAR COMO UM PROBLEMA DE SAÚDE

O *Bullying* tem sido definido por muitos estudiosos e organizações de forma diferente. A definição clássica é proposta pela primeira vez por Olweus como “atos intencionais e repetidos que ocorrem através de formas físicas, verbais e relacionais em situações em que uma diferença de poder está presente”. Olweus afirma que “um aluno está sendo intimidado quando é exposto repetidamente e ao longo do tempo, ações negativas por parte de um ou mais alunos” (*apud* SILVA *et al*, 2019, p. 4).

A ação negativa é “aquela que intencionalmente inflige, ou tenta infligir lesão ou desconforto a outra pessoa”. Assim, o *Bullying* ocorre quando há diferenças de poder entre o agressor e as vítimas, quando a vítima é incapaz de se defender contra o comportamento de *Bullying*. Seu comportamento pode ser direto, incluindo confronto cara a cara; como bater, danificar, chutar e outros tipos de danos físicos; e indiretas envolvendo terceiros, como exclusão social, divulgação de boatos e outros tipos de danos psicológicos ou mesmo online, designado de *CyberBullying*. (MATOS *et al*, 2019).

O Centro de Controle de Doenças - CDC – definiu *Bullying* na escola como qualquer comportamento agressivo indesejado por outro jovem ou grupo de jovens que não são irmãos ou parceiros de namoro atuais que envolvem desequilíbrio de poder observado ou percebido e é repetido várias vezes ou é altamente provável que ser repetido.

Trata-se do tipo de violência mais comum entre os adolescentes, reconhecido como uma séria preocupação para os alunos e tornou-se um problema de saúde pública e preocupação mundial. Embora a prevalência do *Bullying* seja difícil de estimar devido às diferentes medidas utilizadas ao longo dos estudos, pesquisadores concordaram que tal prática violenta é um problema generalizado e significativo nas unidades escolares, nos dias contemporâneos (SILVA *et al*, 2019).

Na pesquisa do Centro Nacional de Estatísticas Educacionais (2016), 20,8% dos alunos relataram sofrer *Bullying*. Na pesquisa de Bauman e Yoon (2015) com estudantes de 12 a 18 anos, 21% relataram ter sofrido *Bullying* na escola, 13% relataram ser ridicularizados, xingados e insultados; 12% foram alvo de boatos; 5% foram empurrados, empurrados, tropeçados ou cuspidos; e 5% dos alunos eram socialmente excluídos. Na mesma pesquisa, 4% dos alunos sofreram ameaças de dano, 3% foram forçados a fazer coisas que não gostavam de fazer e, finalmente, 2%

relataram que seus pertences foram danificados de propósito. As mulheres (23%) mais que os homens (19%) relataram sofrer *Bullying* e as mulheres (15%) foram mais que os homens (9%) sendo alvo de boatos. No entanto, estudantes do sexo masculino (5%) mais do que do sexo feminino (3%) relataram ameaças de dano. Estudantes negros (25%) e estudantes brancos (22%) mais do que estudantes hispânicos (17%) relataram sofrer *Bullying* na escola.

A taxa de *Bullying* ao longo dos estudos de Rocha, Durgante e Dell'Aglio (2022) variou de 9 a 98%. O índice de 80 estudos para estudantes de 12 a 18 anos foram de 35% para *Bullying* tradicional e 15% para CyberBullying. Apenas 36% das crianças que sofreram *Bullying* o relataram, mas 64% não o denunciaram.

No estudo Yoshinaga (2015), com os alunos do Ensino Médio, 16% relataram CyberBullying e 20% são intimidados na instituição escolar. Para os alunos do Ensino Médio, 24% são vítimas de CyberBullying e 45% estão dentro da escola.

O estudo de Graham (2016) evidenciou que de 2007 a 2016, a taxa de CyberBullying dobrou de 18 para 34%. Alunos com necessidades especiais são duas a três vezes mais propensos a sofrer *Bullying* do que os alunos normais. Além disso, eles relataram sentir-se inseguros na escola em comparação com seus colegas normais.

As minorias étnicas são mais propensas a sofrer *Bullying* do que outras, estudantes afro-americanos (24,7%) mais propensos a relatar sofrer *Bullying* do que estudantes hispânicos (17,2%), seguidos por estudantes asiáticos (9%). Cerca de 74 e 36,2% dos alunos foram agredidos verbal e fisicamente por causa de sua orientação sexual, e 55,2 e 22,7% dos alunos foram agredidos verbal e fisicamente por causa de sua expressão de gênero, segundo aponta Silva (2018).

Conforme Ruíz-Ramírez *et al* (2018), em uma análise dos alunos de 19 países (países de baixa e média renda) que participaram da Pesquisa Global de Saúde dos Estudantes Baseados na Escola (GSHS), 34,2% dos alunos relataram ter sofrido *Bullying* no último mês, 55,6% deles foram vitimizados 1 ou 2 dias, e 7,9% todos os 30 dias do último mês. A prevalência de bullying para cada país variou de 20 a 61%.

2.1 – CONSEQUÊNCIAS DO *BULLYING* PARA A SAÚDE

Pesquisas científicas indicaram que vivenciar o *Bullying* tem impacto psicológico e emocional de curto e longo prazo tanto nas vítimas quanto no agressor (SILVA *et al*, 2019).

As vítimas de *bullying* relataram problemas de saúde mental e física, mais sintomas de ansiedade, depressão; sentir-se triste, ser solidão; vômito; distúrbios de sono; pesadelos; dor corporal; uma dor de cabeça; dor abdominal e doenças frequentes. Isso, por sua vez, aumenta o absenteísmo dos alunos, seja por impacto físico direto ou psicológico indireto (MATOS *et al*, 2019).

Os alunos, sejam eles agressores, vítimas ou espectadores, relatam um comportamento suicida. Entre os estudantes de 15 a 29 anos, o suicídio é a segunda principal causa de morte (DASMACENO *et al*, 2021).

Estudantes que sofreram *Bullying* estão duas vezes mais propensos a ter ideação suicida e 2,6 vezes mais propensos a tentar suicídio do que outros estudantes que não o sofreram (SILVA *et al*, 2019).

De acordo com o *Youth Risk Behavior Survey* (YRBS), 17,7% dos alunos em idade escolar tentaram suicídio no último ano. Depressão, comportamento violento e abuso de substâncias estão entre os fatores mais mediados entre *Bullying* e suicídio (*apud* MATOS *et al*, 2019).

2.2 – BULLYING ESCOLAR E SUA RELAÇÃO COM O DESEMPENHO DO ALUNO

O *Bullying* na escola não afeta apenas a vida física, emocional e psicossocial dos alunos, mas também afeta diretamente seus resultados acadêmicos e seu trabalho em sala de aula.

A literatura teórica e empírica tem apoiado a associação direta entre *Bullying* e desempenho acadêmico dos alunos. Um estudo entre estudantes do Ensino Médio mostra que tanto o *Bullying* tradicional quanto o *CyberBullying* têm um impacto negativo significativo no desempenho acadêmico dos alunos ao controlar o status socioeconômico do aluno (LIMA; FRANCO; ARAÚJO, 2020). Outros achados entre estudantes de 13 a 18 anos revelaram que o desempenho acadêmico se correlacionou negativamente com o *Bullying* (MARCOLINO *et al*, 2018).

Uma pesquisa examinou as pontuações de desempenho de 46 escolas e descobriu que o assédio de colegas estava negativamente correlacionado com o desempenho e que os alunos que estão provocando eles faltam à escola e perdem oportunidades educacionais (ZEQUINÃO *et al*, 2019).

Um estudo recente entre crianças do Ensino Fundamental revelou que o *Bullying* verbal entre estudantes do sexo feminino estava associado ao baixo desempenho acadêmico em habilidades de escrita. O *Bullying* físico foi negativamente associado ao desempenho de interpretação e escrita para homens e mulheres. Os alunos que relatam tê-lo sofrido de modo verbal e físico tiveram resultados ruins em leitura, escrita, ortografia, gramática e pontuação (MELLO *et al*, 2018).

Segundo Lima, Franco e Araújo (2020), o *Bullying* pode afetar seriamente o funcionamento psicossocial dos adolescentes, o ajuste escolar particularmente o desempenho acadêmico.

A vitimização dos pares e o baixo desempenho acadêmico geralmente se correlacionam porque as crianças que são cronicamente vitimizadas experimentam resultados emocionais e psicológicos negativos que podem inibir seu envolvimento na sala de aula e, assim, afetar seu desempenho acadêmico. Embora pequenas porcentagens de alunos sejam vítimas crônicas de *bullying* na escola, a vitimização temporária também pode prejudicar seriamente o desempenho e o desempenho acadêmico dos alunos.

Os resultados de estudos longitudinais destacam fortes correlações entre a vitimização de pares e médias de notas mais baixas e menor envolvimento acadêmico avaliado pelos professores ao longo dos anos do ensino médio (MARCOLINO *et al*, 2018).

Os alunos que sofreram *Bullying* têm uma percepção escolar negativa de 2 a 3 vezes do que aqueles que não se envolveram em atividades de *Bullying* (SANTOS *et al*, 2022).

Dados de três países africanos, incluindo participantes com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos, que participaram no estudo *Trend* em matemática e ciências. Os resultados mostram que o *Bullying* é um problema significativo nos três países e está entre os fatores mais comuns associados ao baixo desempenho acadêmico (ANTON-ERXLEBEN; KIBRIYA; ZHANG, 2016).

Do país árabe, estudantes que relatam sofrer *Bullying* apresentam sintomas de depressão e ansiedade e baixo desempenho acadêmico (KEGLER *et al*, 2020).

Uma pesquisa também avaliou os fatores mediadores e moderados que influenciam a vitimização dos pares e sugeriu que o *Bullying* contribui para o baixo desempenho acadêmico por meio de influências mediadoras de comportamentos internalizantes, como depressão, ansiedade e baixa autoestima (ZEQUINÃO *et al*, 2019).

As vítimas de *Bullying*, muitas vezes, se culpam por serem intimidadas, o que, por sua vez, desenvolve uma autopercepção negativa que afeta sua concentração no trabalho escolar e se torna potencial para ter notas mais baixas e ter um desempenho ruim em testes padronizados (MATOS *et al*, 2019).

Os fatores mais comumente investigados como tendo um papel moderador na relação entre a vitimização do *Bullying* e o desempenho acadêmico foram a qualidade da amizade, apoio social dos pares, desajuste escolar e desconexão escolar (SANTOS *et al*, 2022).

Os resultados de uma amostra nacionalmente representativa de alunos da 7º e 8º ano do Ensino Fundamental sugerem que o apoio dos colegas de classe estava negativamente relacionado à vitimização e positivamente relacionado ao desempenho acadêmico para meninos e meninas (DAMASCENO *et al*, 2021).

Por outro lado, ter amigos com alto comportamento pró-social e baixa ansiedade social reduz o risco de vitimização e melhora o desempenho acadêmico (ANTON-ERXLEBEN; KIBRIYA; ZHANG, 2016).

O *Bullying* e uma cultura escolar violenta também interferem no desempenho acadêmico dos alunos e afetam negativamente seu bem-estar social e emocional (MARCOLINO *et al*, 2018).

3 – AS VÍTIMAS DO BULLYING

Não existe um perfil específico de alunos envolvidos em Bullying conforme Ruíz-Ramírez *et al* (2018). Achados de estudos anteriores ilustram que existem muitos fatores que impactam a ocorrência de Bullying nas escolas, variando de sociodemográfica dos alunos, tamanho da escola, número de alunos e percepção dos alunos sobre o Bullying (ROCHA; DURGANTE; DELL'AGLIO, 2022; ZEQUINÃO *et al*, 2019; SILVA *et al*, 2019).

Vários estudos investigaram as características daqueles que se envolveram em Bullying tanto agressores quanto vítimas. O resultado mostrou que a agressividade pré-escolar, baixo nível socioeconômico e relações familiares precárias aumentam a probabilidade de envolvimento no ciclo de bullying em fases posteriores (RUÍZ-RAMÍREZ *et al*, 2018; MATOS *et al*, 2019).

Os resultados de um estudo de meta-análise, no qual os alunos foram categorizados de acordo com certas características (como vítimas, agressores e agressores-vítimas), descobriram que o aluno que intimida os outros tem uma atitude negativa em relação aos outros, problemas com a cognição acadêmica e social, e vêm de família de baixa renda. As vítimas, por outro lado, eram mais propensas a ter as características de autorreconhecimento ruim, falta de habilidades sociais, isolamento e rejeição pelos pares. Vítima de bullying vista como uma vítima passiva ou submissa, muitas vezes bastante cuidadosa, sensível e que chora facilmente, é insegura de si mesma, tem baixa autoconfiança e uma autoimagem negativa (URTIGA; CASTRO, 2019).

Pesquisas anteriores descobriram que o gênero dos alunos é uma das razões pelas quais os alunos sofrem bullying, e as alunas são mais propensas a serem assediadas por seus pares (RUÍZ-RAMÍREZ *et al*, 2018; MATOS *et al*, 2019).

As origens étnicas e raciais também foram identificadas como uma razão para serem intimidadas, minorias e estudantes asiáticos-americanos mais propensos a serem alvo de comportamentos de bullying do que outros. Estudantes de nível socioeconômico mais baixo estão em maior risco de sofrer bullying (MARCOLINO *et al*, 2018).

A pesquisa de Silva *et al* (2019) levou em consideração a questão da saúde mental como as características dos envolvidos no Bullying escolar. Uma dessas questões críticas é a autoestima. Embora a ideia de que a baixa autoestima seja uma

característica proeminente das vítimas, alguns resultados contradizem essa ideia. Alguns que dizem que é tanto para a vítima quanto para o agressor e outros apoiam que os agressores muitas vezes mostraram menor autoestima, mas maior aceitação social.

Algumas pesquisas, como as de Bauman e Yoon (2014) e Graham (2016) avaliaram a autoestima como fator protetor do envolvimento em comportamentos de *Bullying*. Fatores familiares como o status de emprego dos pais mostram associação significativa com o risco de *Bullying*, resultado de estudo transversal entre estudantes gregos de 16 a 18 anos mostra que estudantes de baixo desempenho escolar e pai desempregado eram mais propensos a ser um autor. Estudantes, que têm mãe desempregada, têm chance de ser vítima ou autor de *Bullying*.

Uma análise de dados de alunos de 5ª e 9ª séries em 1.000 escolas na Colômbia investiga variáveis associadas ao *Bullying*, como status socioeconômico, características familiares e características da comunidade. Os resultados revelaram que estudantes do sexo masculino, baixo nível de empatia familiar, violência familiar, violência comunitária, agressividade hostil e crenças de apoio na comunidade estão associados ao *Bullying* (TRISTÃO *et al*, 2022).

3.1 – PERCEPÇÃO DOS ALUNOS SOBRE O *BULLYING*

Embora o *Bullying* nas escolas tenha ganhado a atenção da pesquisa nas últimas três décadas, existem algumas inconsistências de como os alunos percebem o *Bullying* (KEGLER *et al*, 2020). A pesquisa constatou que os alunos percebem o agressor como aquele que possui características como se sentir superior, buscar a atenção do outro, dar a forma como a vítima se comportou ou aparência (por exemplo, usar óculos, tipos de penteados ou roupas), ou agir de forma que torna os outros irritáveis.

Além disso, os alunos perceberam a forma como a vítima se parece, fala ou se veste como um fator determinante essencial para o *Bullying*. Ser estranho, como usar roupas diferentes, comer comida diferente, ouvir música diferente e ter comportamentos estranhos percebidos como característica exclusiva associada à vítima de *Bullying* (MARCOLINO *et al*, 2018).

Um estudo recente descobriu que os alunos descreveram um valentão como aquele que é um covarde por baixo, não respeita as outras pessoas, quer mostrar poder, quer impressionar os outros e quer se sentir superior (MATOS *et al*, 2020). Os alunos perceberam as vítimas de *Bullying* como “com baixa autoestima, falando ou soando diferente dos outros, tímidos e sem amigos” (RUÍZ-RAMÍREZ *et al*, 2018).

Tanto as vítimas quanto os agressores, estudantes do sexo masculino e feminino, concordaram que ser pobre e gordo eram as principais razões para sofrer *Bullying*. Estudantes do sexo masculino que são fisicamente fracos e meninas mais baixas também foram percebidos como os principais motivos para serem vítimas de *Bullying*. Os alunos também perceberam o agressor como mal-educado e sempre causando problemas nas salas de aula (URTIGA; CASTRO, 2018).

4 – POSSÍVEIS INTERVENÇÕES ESCOLARES PARA PREVENÇÃO E REDUÇÃO DO *BULLYING*

A missão de qualquer programa de *Bullying* é prevenir o *Bullying* antes que ele ocorra. No entanto, as pesquisas sobre a prevenção do *Bullying* ainda estão surgindo. À luz da crescente prevalência do *Bullying* nas escolas, as escolas devem melhorar o clima escolar, enfatizando o fortalecimento do sistema educacional para reduzir o *Bullying* (ZEQUINÃO *et al*, 2019). O clima escolar é definido como a estrutura física, ambiente social e emocional, incluindo medidas de segurança escolar, meios confortáveis e relações harmônicas entre alunos e funcionários da escola (MELLO *et al*, 2018). Nesse contexto, a saúde e o bem-estar dos alunos devem ser uma prioridade para a missão da educação pública.

Uma revisão de pesquisa para programas de prevenção de *Bullying* sugeriu uma série de estratégias e práticas para prevenção e redução de *Bullying* no ambiente escolar:

- As políticas escolares devem enfatizar o aprimoramento do clima social e emocional da escola, substituindo a detenção pela meditação e melhorando a resiliência mental dos alunos (DAMASCENO *et al*, 2021).
- As escolas devem implementar políticas para ajudar a resiliência do desenvolvimento de seus alunos a se comunicarem adequadamente uns com

os outros e a desenvolver habilidades de enfrentamento eficazes e encontrar o significado de suas vidas (MATOS *et al*, 2020).

- Promover a colaboração entre diferentes profissionais e funcionários da escola (professores, administradores escolares, conselheiro escolar, assistentes sociais), profissionais de justiça criminal e pesquisadores para identificar os fatores ambientais, sociais e emocionais que aumentam a redução do *bullying* nas escolas (MARCOLINO *et al*, 2018).
- A implementação de um programa abrangente de prevenção do *bullying* baseado em evidências é crucial para reduzir e prevenir o *Bullying* nas escolas. Use dados de vigilância, em todos os níveis local, estadual e nacional para identificar as necessidades da escola (URTIGA; CASTRO, 2019).
- Usando o sistema de apoio comportamental positivo e habilidades gerenciadas comportamentais, na sala de aula e na escola para identificar casos de *Bullying* (SILVA *et al*, 2019).
- As políticas da escola devem refletir uma tolerância zero para armas, discriminação, assédio e atividade de gangues (LIMA; FRANCO; ARAÚJO, 2020).
- As políticas anti-*Bullying* devem ser implementadas de forma consistente para garantir a segurança dos alunos em todas as escolas (KEGLER *et al*, 2020).
- Desenvolver e aplicar um currículo que seja culturalmente responsivo e sensível às diversidades de todos os alunos. A definição de *Bullying*, os tipos, quem sofre e as estratégias para combatê-lo devem ser integrados ao currículo (DAMASCENO *et al*, 2021).
- Projetar um programa educacional para ajudar os alunos a desenvolver habilidades na resolução de conflitos, negociações, escuta, comunicação e tomada de decisões (URTIGA; CASTRO, 2019).
- Intervenções técnicas, psicológicas, sociais e cognitivas são recomendadas para prevenir o *CyberBullying*, como a proteção técnica da Web, incluindo o bloqueio, a alteração da senha, a exclusão de mensagens, o treinamento de alunos como segurança de mentores cibernéticos, a criação de recursos de segurança cibernética para os pais e o desenvolvimento profissional em programas para as escolas (MELLO *et al*, 2018).

- Os programas escolares anti-*Bullying* devem se beneficiar da implementação de intervenções entre pares. Pares que possuem alta autoeficácia, são mais propensos a defender comportamentos negativos e são mais propensos a agir na situação de *Bullying* (LIMA; FRANCO; ARAÚJO, 2020).
- As escolas precisam criar uma cultura de intolerância à violência, aplicando todas as políticas escolares de forma consistente e justa (ZEQUINÃO *et al*, 2019).
- As escolas devem desenvolver um programa de preparação e desenvolvimento profissional para professores e funcionários para ajudá-los a ensinar resiliência mental (KEGLER *et al*, 2020).
- Os programas de *Bullying* nas escolas devem se beneficiar dos recursos de saúde mental nas escolas, incluindo os conselheiros, psicólogos escolares e assistentes sociais, ao reconhecer e compreender as relações entre a saúde mental dos alunos, como depressão, ansiedade e problemas de atendimento e *Bullying* (MARCOLINO *et al*, 2018).
- As escolas devem implementar um protocolo sistemático para a identificação precoce de alunos que enfrentam desafios e crises (ZEQUINÃO *et al*, 2019).

Corroborando com os autores *supracitados*, conforme Rocha, Durgante e Dell’Aglío (2018), o cultivo de habilidades sociais, aliado a um clima escolar consistentemente positivo, são apontados como principais fatores de proteção contra o *Bullying*.

Acrescentam Rocha, Durgante e Dell’Aglío (2018), que a aprendizagem socioemocional baseia-se no cultivo de competências socioemocionais, enquanto o apoio dos pares capitaliza o papel fundamental dos “espectadores”. Há um número significativo de meta-análises tem demonstrado os múltiplos benefícios que resultam da implementação sistemática de programas de aprendizagem socioemocional em todos os níveis de ensino.

Além disso, Damasceno *et al* (2021) menciona que o sucesso comprovado dos programas de apoio de pares precisa de mais documentação, pois sua diversidade e estrutura complexa exigem implementação sistemática e de longo prazo antes de sua avaliação final.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O assunto abordado – “*As Consequências do Bullying no Ambiente Escolar*” – tem sido bastante discutido na contemporaneidade e buscar a compreensão sobre como as práticas em torno do *Bullying* ocorrem nas escolas. Trata-se de um problema generalizado em todo o mundo, e nenhuma comunidade está imune a esse problema, apesar das iniciativas *antiBullying* implementadas em quase todos os lugares.

A pesquisa sobre Bullying forneceu evidências mais precisas sobre a natureza do Bullying, os fatores que o contribuem, as características de um agressor e da vítima e toda a infinidade de consequências que a acomete – prejudicando questões físicas, sociais, mentais e acadêmicas.

A pesquisa acadêmica, através da fundamentação teórica, pode sinalizar a condução em torno de muitas estratégias práticas que ajudam na prevenção e da redução da incidência de *Bullying* nas escolas. Neste sentido, programas eficazes de prevenção do *Bullying* devem defini-lo de forma clara para a comunidade e incluir como sua equipe gestora e pedagógica, educandos, alunos, funcionários escolares, pais e outros membros da comunidade a fim de ter um ambiente seguro para os alunos aprenderem e crescerem, numa ambiência de Cultura de Paz e convivência social.

Nesse sentido, o aporte teórico pode colaborar na pretensão de alcançar seu objetivo geral que foi o de, analisar o impacto do *Bullying* para os alunos, entendendo suas definições e consequências, as correlações no ambiente escolar e seus riscos no desenvolvimento do indivíduo no ambiente escolar.

Pretendeu-se apresentar informações teóricas, que respondessem ao problema voltado à reflexão e à compreensão acerca da ocorrência bem como das consequências do *Bullying* no contexto escolar, e sobre a função da instituição escolar e seus colaboradores, em especial, os educadores, a fim de combater o *Bullying*.

Desse modo, o problema elencado foi: A ocorrência do *Bullying* na ambiência da instituição escolar pode gerar graves consequências para os envolvidos, principalmente às vítimas, enquanto alunos?

Sim, por meio dos estudiosos que constituíram a fundamentação teórica desse trabalho acadêmico há a possibilidade de se refletir que tal prática em torno do *Bullying* pode mostrar e remeter que ele é significativamente danoso seja para vítima, seja para quem o comete, podendo atrapalhar os envolvidos, em suas questões sociais, cognitivas, emocionais, etc., sendo papel da unidade escolar e de sua equipe o planejamento de estratégias que minimizem e cessem as ocorrências do *Bullying*, primando pelo respeito, pela empatia, pela cooperação, pelo diálogo, ..., logo, pode-se concluir que se torna-se importantíssimo que se faça valer o respeito em torno da diversidade que é alicerçada na igualdade e na diferença das relações humanas. Enfim, a escola necessita levar sua comunidade a reflexão sobre as distinções, os

preconceitos, as práticas hostis, ou seja, tudo o que pode estar relacionado ao *Bullying*, buscando, assim, a conscientização bem como a sensibilização de todos os envolvidos, no sentido de que no cotidiano escolar sejam minimizadas circunstâncias que causam preconceitos e danos, culminando em desigualdades, discriminações, traumas e até mesmo homicídios e suicídios.

Encerram-se as considerações finais desse artigo científico com a máxima de Paulo Reglus Neves Freire, nosso Patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire (1921-1997), defensor de toda e quaisquer formas discriminatórias e preconceituosas que pode afligir o ser humano, em *Pedagogia da Autonomia* (1996, p. 59):

O que quero dizer é o seguinte: que alguém se torne machista, racista, classista, sei lá o quê, mas se assuma como transgressor da natureza humana. Não me venha com justificativas genéticas, sociológicas ou históricas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar.

6 – REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. de. **Como preparar trabalhos para cursos da pós-graduação: noções práticas**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2004.

ANTON-ERXLEBEN, KATHARINA & KIBRIYA, SHAHRIAR & ZHANG, YU. Bullying as the main driver of low performance in schools: Evidence from Botswana, Ghana, and South Africa. **MPRA Paper** 75555, University Library of Munich, Germany, 2016.

BAUMAN, Sheri; YOON, Jina. This issue: Theories of bullying and cyberbullying. **Theory Into Practice**, v. 53, n. 4, p. 253-256, 2014.

CENTRO NACIONAL DE ESTATÍSTICAS EDUCACIONAIS. **Relatórios de alunos sobre bullying e cyberbullying: resultados do Suplemento de Crime Escolar de 2015 à Pesquisa Nacional de Vitimização**. Departamento de Educação dos EUA; 2016.

CHAVES, Denise Raissa Lobato; SOUZA, Maurício Rodrigues De. Bullying e preconceito: a atualidade da barbárie. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, 2018.

CROCHICK, José León. Preconceito e bullying: marcas mentemente da psíquica sociais induzidas. **Psicologia USP**, v. 30, 2019.

DAMASCENO, Cláudia Hellen dos Santos Clemente et al. Educação em Direitos Humanos: uma conscientização de direitos como prevenção ao bullying nas escolas. **Humanas Sociais & Aplicadas**, v. 11, n. 32, pág. 47-48, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa: São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRAHAM, Sandra. Vítimas de bullying nas escolas. **Teoria em Prática**. 2016;55(2):136-144

IDSOE, Thormod et al. Bullying vitimização e trauma. **Fronteiras em psiquiatria**, v. 11, p. 480353, 2021.

KEGLER, Elias Daniel et al. Perfil do bullying escolar: Uma comparação entre escolas da rede estadual e municipal de um município da região central do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Saúde**, v. 3, n. 3, pág. 6396-6406, 2020.

LIMA, Edmar Peixoto; FRANCA, Márcia Pereira; ARAÚJO, Maria José Fernandes. A interação dos argumentos nos processos argumentativos de uma reportagem sobre bullying nas escolas. **Revista Eletrônica De Estudos Integrados Em Discurso E Argumentação**, 2020.

MALTA, Deborah Carvalho, et al. Prevalência de bullying e fatores associados em escolares brasileiros, 2015. **Ciência & Saúde Coletiva** 24 (2019): 1359-1368.

MARCOLINO, Emanuella de Castro et al. Bullying: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 27, 2018.

MATOS, Vitor José et al. Autoestima e bullying: uma revisão integrativa. **Revista Educar Mais**, v. 4, n. 3, pág. 557-590, 2020.

MELLO, Flávia Carvalho Malta et al. Evolução do relato de sofrer bullying entre escolares: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar-2009 a 2015. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 21, 2018.

MULVEY, Kelly Lynn et al. Compreendendo experiências com bullying e bullying baseado em preconceito: o que importa e para quem?. **Psicologia da violência**, v. 8, n. 6, pág. 702, 2018.

ROCHA, Claudia Santos; DURGANTE, Helen Bedinoto; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Intervenção online com professores para prevenção e enfrentamento do

bullying escolar: estudo de viabilidade. **Educação em Foco**, v. 25, n. 45, p. 420-443, 2022.

RUÍZ-RAMÍREZ, Rosalva *et al.* A relação bullying-deserção escolar em bachilleratos rurais. **Revista eletrônica de investigação educativa**, v. 20, n. 2, pág. 37-45, 2018.

SANTOS, Igor Henrique Farias *et al.* Bullying escolar: com a palavra, o professor. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 74, n. 1, 2022.

SILVA, Gilson Pequeno *et al.* Bullying e violência no ambiente escolar: uma revisão de literatura no período de 2015-2019. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 11, n. 13, pág. e860-e860, 2019.

SILVA, Ludimila Oliveira. Bullying nas escolas. **Direito & Realidade**, v. 6, n. 5, 2018.

TRISTÃO, Laura Aparecida *et al.* Bullying e cyberbullying: intervenções realizadas no contexto escolar. **Revista de Psicologia**, v. 40, n. 2, p. 1047-1073, 2022.

URTIGA, Telson; CASTRO, Thais. Detecção de bullying escolar em redes sociais e suas implicações na educação de adolescentes. In: **Simpósio Brasileiro de Informática na Educação-SBIE**. 2018. pág. 1693.

XU, Mariah *et al.* Diferenças raciais e étnicas no bullying: revisão e implicações. *Atica*, 2020.

YOSHINAGA, Andréa Cristina Mariano. **Bullying e o trabalho do enfermeiro no contexto escolar: validação de um programa de intervenção através do método Delphi**. 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2015.

ZEQUINÃO, Marcela Almeida *et al.* Associação entre bullying escolar e país de origem: um estudo transcultural. **Revista Brasileira de Educação**, v. 24, 2019.